



Articulações e desarticulações: transversalidades dos códigos narrativos

Nízia Villaça*

“Às vezes, a única coisa verdadeira
num jornal é a data”.

Luis Fernando Verissimo

As partículas “pós” e “re”, recorrentemente utilizadas para pensar a cultura contemporânea, nos servirão de mote para refletir sobre a evolução e os encontros entre literatura e jornalismo, incluindo o campo das novas mídias, caracterizado pela convergência de gêneros, variedade de suportes, interatividade e processos multimidiáticos.

Para falar sobre a desfronteirização que se dissemina na comunicação contemporânea, com a crise dos padrões e distinções que acompanham a desregulamentação econômica, faremos uma breve retomada do projeto moderno, seu paradigma de racionalidade, dicotomias e definições para passar, em seguida, às recentes invocações de paradigmas emergentes, que encontrem soluções mais sensíveis e que não impliquem o decreto de morte do humano, do moderno e até do pensamento, assertivas que, apoiadas num tecnoluminismo, estão na busca de sucesso bombástico.

* Professora titular emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O termo pós-humano, segundo observação de Jair Ferreira dos Santos (2002), hibernou na academia, sendo preterido na mídia e no mundo editorial pelo irmão gêmeo pós-modernismo. Segundo o autor, renasceu com mais força nos anos 1990, para interpretar “desenvolvimentos tecnocientíficos que, da microeletrônica e da cibercultura às neurociências e às biotecnologias, estavam causando grande impacto na sociedade”. Na verdade, a radicalidade do prefixo “pós” faz parte de uma inquietação que se manifesta hoje hiperbolicamente: a imagem do homem fugindo de si mesmo.

Nem cá, nem lá

Segundo Boaventura de Sousa Santos, em seu livro *A crítica da razão indolente* (2009), o momento atual é de transição no que toca ao que foi qualificado como projeto moderno e a tão falada pós-modernidade que se seguiu. Em seu livro *Pela mão de Alice* (1995), o autor descrevia o projeto moderno, relatando o insucesso causado pelo desequilíbrio que se instalou entre o eixo da regulação (Estado, mercado e comunidade) e o eixo da emancipação, constituído pelos indivíduos que deveriam produzir, com autonomia, arte, ciência e ética, tendo assegurados seus direitos de cidadão em virtude de uma justa distribuição de riquezas.

O surgimento dos movimentos sociais das minorias, nos anos 1980, é claro sintoma do contingente de indivíduos deixados à margem da realização desse plano. Torna-se claro que uma das causas do fracasso foi o crescimento da importância atribuída ao sistema econômico financeiro em tempos de capitalismo globalizado. A linguagem publicitária foi largamente usada em crescentes áreas do saber, constituindo o tão falado *marketing* cultural, que

vem servindo para criar identidades não mais pautadas por “ideais” e “verdades”, mas pela crescente sedução dos inúmeros nichos de estilo que passam a ser divulgados pela mídia. Esta, por sua vez, interfere na linha de produção editorial e, portanto, determina forte vínculo entre os dois campos com tendências às quais faremos referência em seguida.

Na evolução do desempenho jornalístico, o setor industrial cresce em importância, como ficou claro em um congresso realizado em São Paulo (2008), conforme esta declaração da Associação Nacional de Jornais: “Temos que continuar empenhados em ampliar o público leitor, aumentar a nossa fatia do bolo publicitário e fazer da operação jornalística *on-line* um negócio sustentável. Só assim, com a independência financeira, a imprensa pode ser livre e pluralista”.¹ A autonomia na produção da notícia pode ser entendida, assim, como dependência da regulação empresarial e da estratégia publicitária. Pedro Amorim (2008) faz comentários graves à exploração pela grande imprensa, ciosa de suas vendas e audiências, da manipulação sensacionalista da opinião pública.

É a partir do momento em que o consumo se torna elemento estruturante da organização do mundo que as discussões sobre os limites das estratégias corporativistas do mercado sobre a cultura devem crescer, uma vez que a qualidade e a possibilidade de acesso às mercadorias e bens diferem, de forma visível, de um país para o outro, criando o que Baudrillard (1990) chamou de “desorbitados”, ou seja, aqueles que não participam de nenhum vínculo com o sistema de produção. Mas, como uma coisa puxa outra, o

1 “Congresso em São Paulo discute futuro dos jornais no país”. *Folha de S. Paulo*, 17 ago. 2008, p. A8.

Produto Nacional Bruto (PNB) deu um jeito de incluir no seu cálculo os desempregados e aqueles que, segundo Bauman (2007, 22), constituem o tipo do trabalhador pós-moderno: pluriaptos e sem contrato. Para o autor, um dos grandes achados do espírito do capitalismo é a preferência por empregados flutuantes, desapegados, flexíveis e sem ataduras, em última instância, descartáveis.

Um passo atrás: a crise do sujeito e da narração

A crise da representação e do sujeito foi um dos marcos da inauguração do chamado momento pós-moderno, que entre nós começou a ser discutido em meados dos anos 1980. Qual seria o lugar do narrador no romance contemporâneo, quando, paradoxalmente, desconfia-se da narrativa?

Passada a fase áurea da narração, a idade burguesa (sobretudo nos finais do século XIX), quando o realismo sugeria o real na sua simples existência e o sujeito como agente reproduzidor, a crença na representação começa a ser posta em debate. Entramos na crise do romance tradicional, passível de ser comparada à cena italiana do teatro burguês e sua técnica de ilusão, em que cabia ao narrador levantar a cortina e ao leitor, participar da ação como se estivesse presente. No espectro dessa reflexão, a consciência da representação era considerada tabu.

Denunciado o caráter ilusório da coisa representada, essa proibição perde também sua razão de existir. A nova reflexão é “uma tomada de posição contra a mentira da representação” (Adorno: 1984, 41), enquanto em Flaubert, como ainda assinala Adorno, era sobretudo uma tomada de posição em relação aos

personagens do romance, embora já houvesse uma consciência da escritura como artesanato e ela não fosse meramente instrumental.

Barthes (1971, 77) chama a atenção para o fato de o trabalho artesanal da escritura de Flaubert ter configurado o início de um segundo tempo escritural, sem ingenuidades, ciente do peso das palavras. A arte flaubertiana já mostrava “sua máscara com o dedo”. Daí em diante, o embate com os signos determinou uma verdadeira proliferação de movimentos, uma aceleração nas mudanças dos projetos estéticos, indiciando a crise do poder das palavras de dizerem o mundo e, simultaneamente, constituindo uma busca utópica da linguagem. Sucedem-se posturas artesanais, revolucionárias, textos transpassados de oralidade ou construídos de silêncios. Nasce o trágico da escritura no embate com os signos, em esforços de retirar-lhes o peso de uma história e imprimir-lhes a força de um novo tempo.

A tragicidade da arte frequenta as perguntas sobre seu destino. Arte utópica, transestética, arte ascética ou intervencionista. Representação, antirrepresentação e encenação. É neste quadro que continuará a se efetuar o desenvolvimento da literatura contemporânea, sob o impacto do desenvolvimento da cultura visual, que também influencia o suporte papel do discurso jornalístico.

Na confluência da literatura com o jornalismo, cujo encontro mais famoso se deu devido ao acolhimento dos escritores do final do século XIX pelo folhetim, devemos abrir um parêntese para o New Journalism. Segundo Marcelo Bulhões,

qualquer retrospectiva histórica que trate das relações entre jornalismo e literatura deve reservar pelo menos um capítulo ao New Journalism, a principal tendência que nos Estados Unidos

afrontou os limites convencionais do fazer jornalístico. Não foi exatamente um movimento. Foi mais uma atitude que surgiu em reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*, por gente como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feição de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer (2007, 145).

Transestética ou estetização do cotidiano

“Quis mudar tudo
mudei tudo
agora pós-tudo
ex-tudo
mudo”.

Augusto de Campos

A epígrafe ilustra a passagem da mudança revolucionária moderna à mudez, como signo do esvaziamento simbólico do contemporâneo, ou da pós-modernidade, caso preferam, quando o trem da história, que apontava para um destino único, tomou caminhos surpreendentes, misturou os tempos e saiu dos trilhos (Villaça & Salgado: 1989, 6-8). Algumas tendências, apontadas por Villaça (1996) para a década de 1980 e desenvolvidas no início dos 1990, seriam sublinhadas no momento atual, como a crise do sujeito forte da narração, a estética do simulacro como verdadeira guerra de códigos, estratégias minimalistas e fragmentárias e o desenvolvimento de uma troca fecunda da literatura com outras ciências humanas.

Se as vanguardas históricas propuseram a ultrapassagem dos limites institucionais da estética em direção a uma visão metafísica ou histórico-política da obra, que unificasse vida e arte, para as neovanguardas, se assim podemos chamá-las, o impacto é, sobretudo, tecnológico, no sentido assinalado por Benjamin (1987) no seu ensaio sobre a arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Tal dado também tem que ser considerado como fundamental na perda da aura do texto literário e sua aproximação de produções em suportes com maior visibilidade.

Com a entrada na época pós-industrial, fala-se em desurbanização, e o espaço urbano perde sua importância geopolítica em proveito dos deslocamentos rápidos, dos remanejamentos funcionais da produção e da geração de serviços. A época é de convite à visibilidade, e a conduta utilitária transforma-se em princípio ético.

Algumas tendências vão marcar a produção brasileira diante dos imperativos da indústria cultural, tendências estas discutidas veementemente por escritores que apontam a influência jornalística no romance-reportagem, na inflação do documentário e na sedução dos livros de autoajuda, que parecem vir ao encontro da necessidade individual de ajustar-se à complexidade das escolhas a serem feitas. Giddens (2002, 15) acredita que a autorreflexibilidade dos indivíduos seja possível, mas a ênfase jornalística está em reportar milagres, realizados pelo constante apelo a conselhos de especialistas, bem como a livros com receituários de sucesso que utilizam estratégias imagéticas do antes e depois para seduzir o público.

As transformações que sofre a literatura, segundo Luiz Ruffato (2009), estão ligadas a mudanças sociais, políticas e filosóficas do mundo. A prosa fragmentária é fruto do sujeito cindido;

a indeterminação é compartilhada com a física quântica; a verdade é uma hipótese em meio a outras e o personagem, uma construção em crise. Pelo lado do jornalismo, tais discussões frequentam as páginas dos cadernos culturais, sobretudo, acompanhando o espírito da multiplicidade e contrapondo ideias que exaltam ou criticam a globalização, que apoiam o caos com criatividade e que acusam a inexistência do pensamento no momento atual.

Num momento de crise da representação, o escrever a figuração do sujeito e do objeto oscila incessantemente entre o estímulo de criar, inventar, construir, e o vazio, a impotência, provenientes da exacerbação crítica de tipo niilista, de um saudosismo de tipo conservador, e ainda um trânsito na indiferenciação, trazida por uma visão transestética, alimentada pela crescente dominância da bomba informática do paradigma comunicacional (Virilio: 1999), cuja linguagem publicitária se dissemina progressivamente, com a forte presença do escritor/jornalista, como aponta Cristiane Costa, em *Pena de aluguel* (2005).

Encontros, desencontros e questões

“Quando você compra um jornal, teoricamente [...] vai obter ali um noticiário razoavelmente isento e, nas páginas de opinião, fica aquilo que o dono quer. No Brasil, houve uma inversão completa. Hoje, tem opinião na parte informativa, até no horóscopo e na previsão do tempo”.

Paulo Henrique Amorim

O momento atual, na sua transição paradigmática para um tempo líquido indeterminado, é focado a partir de numerosos

pontos de vista, que ora elogiam certa capacidade generalizada de mixagem e hibridação, ora criticam a indefinição resultante. O lugar do impresso em meio à cultura multimidiática sofre pressões que, segundo autores como Fábio Lucas, Jair Ferreira dos Santos e Alberto Dinis, entre outros, prejudica a importância da informação jornalística e a investigação séria que referenciava as demais mídias. A ficcionalização das notícias e reportagens desperta um desabafo de Arnaldo Jabor (2008), em crônica que bem expressa a ambiguidade da nova função informativa, quando qualifica o Caso Isabella como a “dor da falta de sentido”.

Evidentemente, neste período em que a velocidade é a tônica e o “agora” é o tempo da sociedade telepresença, onde uma imagem vale mil palavras, o convite à visibilidade e a conduta utilitária transformam-se em princípios éticos que influenciam tanto o sensacionalismo jornalístico, quanto a multiplicação crescente da literatura que se inspira em suportes e discursos provenientes da televisão e da internet, inserindo em seus textos fragmentos de outros suportes: roteiros, e-mails, estéticas, numa linguagem ora criativa, ora de espúria intersemiose.

A convergência entre literatura e jornalismo é apontada por vários autores e o padrão de qualidade de ambos os campos é posto em questão. Marcelo Bulhões traça uma história dos gêneros, sublinhando o fato de que é bem mais antiga a evolução do gênero literário, que, com o passar do tempo, foi se tornando sempre mais flexível, se pensarmos, sobretudo, num modelo greco-latino retomado posteriormente em outras épocas, sem grandes ênfases. O autor afirma que a questão do gênero jornalístico só aparece no século XVIII, com a distinção entre *news* (notícias) e *comments* (comentários), e somente no século XX tal separação seria imple-

mentada. A separação entre o jornalismo informativo (notícia, nota, entrevista, reportagem) e o opinativo (comentário, artigo, coluna, editorial, resenha) se deu por razões práticas e mercadológicas, facilitando a paginação do jornal. Sumariando, enquanto a trajetória histórica da literatura tornou-se menos normativa, no jornalismo houve a manutenção de maior estabilidade para facilitar o acesso diário da informação.

O desenvolvimento do romance, sobretudo a partir do século XIX, sofreu atração pela concretude da vida social, demonstrando afinidade com o trabalho jornalístico, apesar de outras vertentes, ligadas ao romance de terror e o fenômeno do romance de folhetim. A literatura naturalista e realista, por sua vez, diminuindo a importância dada à imaginação e aumentando o interesse pela pesquisa do social, criou inúmeras práticas, que foram colocadas à disposição da narrativa jornalística, o que se via claramente na elaboração das reportagens que surgiram na história do jornalismo no século XIX. No Brasil, Euclides da Cunha, no *Estado de S. Paulo*, relatando a Guerra dos Canudos, é um bom exemplo. A atração entre os gêneros é patente em designações mais recentes, como romance-reportagem, livro-reportagem, gêneros de tipo híbrido. O exercício da crônica, notadamente, desenvolve sempre mais uma liberdade própria do lúdico da literatura.

Variedade e qualidade

Os pontos de vista nada têm de unânimes e alternam-se as opiniões sobre a desfronteirização dos gêneros e as mútuas influências entre a linguagem virtual dos espaços da internet e os textos

impressos. O prestígio da mídia digital é expresso na frequente passagem à cultura impressa e também à linguagem cinematográfica. Como exemplo, podemos citar a blogueira Clarah Averbuck (2002), cuja obra inspirou o roteiro do filme *Nome próprio*,² ou o sucesso alcançado na mídia impressa por João Paulo Cuenca (2003), lançado em blogs. Tudo indica que a discussão moderno/pós-moderno, apesar de sob muitos aspectos extenuada, prossegue com novos materiais.

A antenada professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ), Heloisa Buarque de Hollanda, lançou uma antologia digital, afirma seu enfado pelas classificações e critica qualquer voga de nostalgia pela perda da virgindade do narrador. Para a autora tudo é poesia, e as publicações dos sites e blogs impactam o texto literário por provocar uma atenção múltipla, mobilizando a relação entre autor e leitor (Conde: 2009, 1).

Por sua vez, a professora paulista, colaboradora da *Folha de S. Paulo*, Leyla Perrone-Moisés (1998), proclama enfaticamente que a luta não se trava mais entre tipos de cultura, mas entre a cultura e a descultura pura e simples. Para a autora, a cultura de massa tornou-se industrial em escala planetária, fornecendo produtos de baixa qualidade estética, que ela mesma produz e satisfaz. A globalização, falsa universalização do mundo pela economia, acaba por indiferenciar os repertórios pelos meios de comunicação, na busca de uma universalidade que assume um ar superficial. Continuando

2 *Nome próprio*. Direção de Murilo Salles, com Leandra Leal, baseado na obra de Clarah Averbuck. Gênero: drama. Lançamento: 18 de julho de 2008.

o confronto entre as duas autoras, Heloisa não vê oposições graves entre o suporte da internet e crê que existam hoje práticas literárias em verso, prosa, quadrinhos, grafismos, raps e na interação de várias mídias (Vianna, 2007).

São preciosas as provocações de Fábio Lucas sobre a ameaça de entropia que paira sobre a produção do sentido contemporâneo: “ao longo dessa semiologia do não verbal, chegaremos ao núcleo da entropia, o produto sem pé nem cabeça” (2001, 9).

Jair Ferreira dos Santos, escritor e ensaísta, com seu texto crítico nada acadêmico, incita-nos a pensar sobre o caráter de entretenimento da arte contemporânea e sua forte vocação imagética: “entramos na Era da Imagem e numa nova ordem comunicacional e expressiva. Prevê-se a contração e, por fim, a implosão da Galáxia de Gutenberg sob o império das novas mídias” (2002, 141).

Referências

- ADORNO, Theodor W. “La situation du narrateur dans le romain contemporain”. In: _____. *Notes sur la littérature*. Paris: Flammarion, 1984.
- AMORIM, Pedro. “Apresentação”. *Comunicação & Política: pela Integração Latino-americana*, v. 26, n° 1. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (Cebela), jan.-abr. 2008.
- AVERBUCK, Clarah. *Máquina de pinball*. São Paulo: Conrad, 2002.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vida de consumo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne-Marie Gagnebin. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CONDE, Miguel. “Aos 70 anos, Heloisa Buarque de Hollanda lança antologia digital, prepara biografia e foge dos chatos”. *O Globo*, 11 ago. 2009, p. 1. Segundo Caderno.

- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CUENCA, João Paulo. *Corpo presente*. São Paulo: Planeta, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- JABOR, Arnaldo. “Caso Isabella: a dor da falta de sentido”. *O Globo*, 22 abr. 2008, p. 10. Segundo Caderno.
- LUCAS, Fábio. *Literatura e comunicação na era da eletrônica*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RUFFATO, Luiz. *Folha de S. Paulo*, 9 set. 2009, p. E1. Ilustrada.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *Breve, o pós-humano: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- VIANNA, Luiz Fernando. “Mostra avalia literatura produzida na internet”. *Folha de S. Paulo*, 8 set. 2007, p. E4. Ilustrada.
- VILLAÇA, Nízia. *Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

VILLAÇA, Nízia & SALGADO, Márcio. “Nos trilhos da ficção”. *Jornal do Brasil*, 2 set. 1989, pp. 6-8. Caderno Ideias. Prêmio Ideias Lufthansa de Ensaio 1989.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

